

## Artigos

### Análise discursiva de “negro” e “preto” em dicionários de língua portuguesa

#### Discursive analysis of “negro” and “preto” in Portuguese language dictionaries

Rafael Prearo-Lima<sup>1</sup>  
Franciele de Souza Meira<sup>2</sup>

#### RESUMO

*O objetivo deste trabalho é fazer uma análise discursiva do registro de “preto” e “negro” em dicionários de língua portuguesa para reconhecer as marcas ideológicas encontradas nessas entradas. Para tanto, são usados como fundamentação teórico-metodológica os estudos da Análise do Discurso francesa e da Lexicografia. Partindo do primeiro dicionário de língua portuguesa – o Bluteau, de 1712 –, até os dicionários do século XXI, em um total de vinte obras, esta pesquisa analisa como os registros das entradas mencionadas são ideologicamente marcados e quais os efeitos de sentido produzidos. Também analisamos se, ao longo dos séculos, houve mudanças em tais registros no que diz respeito à ideologia. Os resultados indicam primeiramente que, nos dicionários selecionados, as definições são, em sua maioria, ideologicamente marcadas por um tom racista quanto às definições de “preto” e “negro”, fruto de um discurso pró-escravidão presente na sociedade que incide na produção desses verbetes. Em segundo lugar, apesar do longo período de mais de três séculos entre as obras, constatamos que, com raras exceções, os registros mantiveram praticamente as mesmas ideias.*

**Palavras-chave:** *Análise do Discurso francesa; Lexicografia; dicionários; negro/preto.*

1. Instituto Federal de São Paulo *campus* Bragança Paulista – IFSP-BRA. Bragança Paulista – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6667-7298>. E-mail: [rprearo@ifsp.edu.br](mailto:rprearo@ifsp.edu.br).
2. Instituto Federal de São Paulo *campus* Bragança Paulista – IFSP-BRA. Bragança Paulista – Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-5417-6158>. E-mail: [souzameirafranciele@gmail.com](mailto:souzameirafranciele@gmail.com).

## ABSTRACT

*The aim of this work is to conduct a discursive analysis of the entries for “preto” (black) and “negro” (black) in Portuguese language dictionaries to recognize the ideological markers found in these entries. To do so, the theoretical and methodological foundations of French Discourse Analysis and Lexicography are used. Starting from the first Portuguese language dictionary – published in 1712 by Bluteau — up to the dictionaries of the 21st century, totaling twenty works, this paper analyzes how the records of the mentioned entries are ideologically marked and what sense effects are produced. We also examine whether, over the centuries, there have been changes in such records regarding ideology. The results indicate, firstly, that in the selected dictionaries, the definitions are mostly ideologically marked by a racist tone regarding the definitions of “preto” and “negro”, stemming from a pro-slavery discourse present in society that affects the production of these entries. Secondly, despite the long period of over three centuries between the works, we find that, with rare exceptions, the records have maintained practically the same ideas.*

**Keywords:** French Discourse Analysis; Lexicography; dictionaries; black (negro/preto).

## 1. Considerações iniciais

Na contemporaneidade brasileira, os debates em torno das questões raciais ocupam uma posição de destaque. Diante da importância dessas discussões, nosso objetivo é, pois, abordar o tema a partir de uma análise das definições de “negro” e de “preto”, bem como de palavras derivadas (e.g. “negrinho” e “pretinho”) presentes nos dicionários de língua portuguesa a fim de compreender como esses registros linguísticos refletem as dinâmicas sociais e ideológicas relacionadas à questão racial, contribuindo, de alguma forma, para os já mencionados debates em torno dessa temática. De modo específico, analisamos discursivamente as definições encontradas, identificando seus efeitos de sentido. Em seguida, comparamos tais definições ao longo do tempo para verificar se houve, ou não, mudanças significativas nos registros.

Para tanto, examinamos as entradas de “negro” e “preto” em uma seleção de dicionários abrangendo desde o século XVIII, quando foi lançado o primeiro majoritariamente monolíngue de língua portuguesa<sup>3</sup>, até os dias

3. Há alguns trechos desse dicionário em latim. Nunes (2005) menciona a existência de dicionários anteriores a este que, porém, eram bilíngues (latim-português).

atuais. O recorte temporal inclui ao todo dezoito obras impressas. São elas: o dicionário de Rafael Bluteau (1712), os de Antônio de Moraes Silva (nas edições de 1789, 1813, 1922 e 1954), o de Antônio Maria do Couto (1842), os de Caldas Aulete (nas edições de 1881 e 2011), os de Cândido Figueiredo (nas edições de 1913 e 1949), o de Laudelino Freire (1939), o de Antenor Nascentes (1967), os de Aurélio (nas edições de 1986 e 2004), o de Maria Tereza Biderman (1992), o de Michaelis (1998), o de Houaiss (2009) e o de Evanildo Bechara (2011). Além destes, também analisamos os verbetes de dois dicionários disponíveis na internet: o Aulete digital e o Dicionário Houaiss UOL, ambos consultados no ano de 2024.

A seleção dessas obras não teve como objetivo fazer um levantamento exaustivo de todos os dicionários já publicados em língua portuguesa desde o século XVIII. O que fizemos foi montar um *corpus* representativo para que pudéssemos fazer um percurso histórico do registro dos verbetes escolhidos. Desse modo, selecionamos as obras dos séculos XVIII e XIX disponíveis no meio virtual e, nos séculos XX e XXI, tentamos incluir pelo menos uma obra por década, a fim de dar conta da representatividade mencionada.

Para analisar tais obras, recorreremos aos aspectos teóricos tanto da Análise do Discurso de linha francesa – especificamente aos conceitos de linguagem, discurso e ideologia (Brandão, 2004; Orlandi, 2005; Maingueneau, 1997) e de memória (Orlandi, 2005; Pêcheux, 2015; Courtine, 2014) –, quanto da Lexicografia, considerando, para isso, o estatuto dos dicionários (Biderman, 2000) e sua relação com a ideologia (Borba, 2003; Nunes, 2006).

## 2. Aparato teórico

Para fundamentar esta pesquisa, partimos das noções de linguagem e de discurso. A linguagem deve ser compreendida como uma atividade constitutiva do ser humano, único capaz de se expressar pela linguagem verbal, e que é exercida entre falantes (Brandão, 2004). Para a Análise do Discurso, a linguagem é, assim, a mediação necessária entre o ser humano e sua realidade tanto social quanto natural e só faz sentido porque se inscreve na história (Orlandi, 2005). Por sua vez, o discurso, de acordo com Maingueneau (1997, p. 11), “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. Nesse sentido, os dicionários não apenas fornecem registros da linguagem humana, por meio de

suas definições e usos de palavras, mas também veiculam discursos, visto haver uma interlocução social e historicamente marcada entre tais obras e seus consulentes.

Brandão (2004) também esclarece que é no discurso que o aspecto ideológico se manifesta e se materializa. Por meio da língua, o sujeito, ao produzir discursos, marca sua historicidade e sua ideologia, pois seu discurso reflete os valores, as crenças e o momento histórico do grupo social em que se insere. Portanto, há no discurso uma relação entre a linguagem e a ideologia. Sob esse aspecto, Pêcheux confirma haver uma relação língua-sujeito-ideologia ao afirmar que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 1975 *apud* Orlandi, 2005, p. 17). O sujeito, então, produz discursos por meio da linguagem que, por sua vez, é permeada pela ideologia. Assim, pode-se concluir que toda produção discursiva também é permeada pela ideologia. Isso se aplica aos discursos dos mais variados campos, incluindo a produção discursiva encontrada nos dicionários.

Em um passado recente, havia no Brasil – e ainda parece haver – uma longa tradição de atribuir a dicionários uma posição de incontestabilidade, dado seu caráter normativo entre a(s) comunidade(s) de falantes, conforme já observava Biderman (1984) há quatro décadas. Não há dúvida de que os dicionários orientam quanto aos significados disponíveis em um idioma, conforme explica a autora em outra obra (Biderman, 2000). Porém, eles também carregam em seus verbetes a visão de mundo de (uma equipe de) lexicógrafos à frente de sua produção. Não caberia, portanto, aos consulentes, apesar de serem usuários da língua, participar da construção de significados; eles apenas recorrerem a essa fonte para consulta e “aceitam” os termos ali propostos, que, em tese, devem ser considerados “certos”.

Borba (2003), por sua vez, defende que dicionários são ideologicamente marcados. Segundo o autor, a ideologia aparece “na introdução da obra, seleção dos verbetes, da rotulação, de entradas, do sistema definitório etc.” (Borba, 2003, p. 308). Da mesma forma, Nunes (2006), que estudou as relações de construção do que hoje temos como dicionário e como a exploração colonial, ocorrida no Brasil, teve influência na necessidade da criação de dicionários brasileiros, defende que dicionários também são um tipo de produção discursiva e que são não apenas atravessados pela ideologia, como também marcados pela historicidade. Assim, ainda que sejam,

em certa medida, um instrumento de orientação para os falantes da língua (Biderman, 2000), os dicionários, por serem uma produção discursiva, também são permeados pela ideologia.

Oriunda da Análise do Discurso, outra noção importante para este trabalho é a de memória discursiva. Para Orlandi (2005, p. 31), memória discursiva é “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente; (...) o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

Nessa mesma esteira, Pêcheux (2015, p. 52) afirma que memória discursiva é aquilo que, no âmbito da leitura, restaura os implícitos de que a leitura necessita, “a condição do legível em relação ao próprio legível”. Esses implícitos referem-se aos já (pré-)construídos, citados, relatados, os discursos-transversos, constituindo o imaginário individual e coletivo da sociedade e que possibilita a (re)produção de discursos. Nesse sentido, a memória discursiva se estrutura, pois, pela repetição de saberes e de discursos, sendo constantemente atualizada no interior de cada formação discursiva (FD). Courtine (2014) reforça tal noção ao conceber a memória como “a existência histórica de enunciados no interior de práticas discursivas” (Courtine, 2014, p. 105), destacando, para isso, o papel da repetibilidade na constituição da memória. Indo além, para esses dois autores (Pêcheux; 2015; Courtine, 2014), a memória discursiva não é apenas o espaço da repetição, como também da contradição, do confronto e da negação de determinados dizeres.

Maingueneau (1997, p. 115), por sua vez, afirma que a memória discursiva é “constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações”, fenômeno também constatado em dicionários, em cujas definições repetem-se, recusam-se e transformam-se outras formulações. Por exemplo, a definição corrente de uma entrada antes considerada ofensiva em um determinado período histórico pode ser rotulada em um dicionário como arcaica, pejorativa, histórica ou em desuso (por meio, respectivamente, das abreviações *arc.*, *pej.*, *hist.*, *desus.*), o que indica que seu uso não é mais apropriado quando da publicação da obra lexicográfica. Nesse sentido, os dicionários são não apenas ferramentas de consulta, como também registram a memória discursiva de uma comunidade linguística em um determinado momento histórico.

Assim, à luz desses teóricos, podemos entender que os discursos (re)produzidos nos dicionários funcionam a partir de uma memória discursiva. Isso acontece porque nenhuma definição de um verbete é elaborada *ex-nihilo*, como se fosse a primeira instância de produção de um determinado discurso. Pelo contrário, os verbetes de dicionários se baseiam em pré-construídos e já-ditos (Orlandi, 2005), cuja existência histórica (Courtine, 2014) está presente, em alguma medida, no imaginário coletivo de uma sociedade, como uma “memória social inscrita em práticas” (Pêcheux, 2015, p. 44).

Dessa forma, visto que os dicionários são produções discursivas – e, por esse motivo, são ideológica e historicamente marcados – cujas definições veiculam uma memória, decidimos analisar como os dicionários publicados entre o início do século XVIII e as duas primeiras décadas do século XXI registram os verbetes “preto” e “negro”, itens lexicais escolhidos em função da relevância das discussões sobre as questões raciais na sociedade contemporânea, a fim de que possamos perceber como as definições apresentadas são ideologicamente marcadas e se houve, ou não, mudanças quanto a esses registros ao longo do tempo.

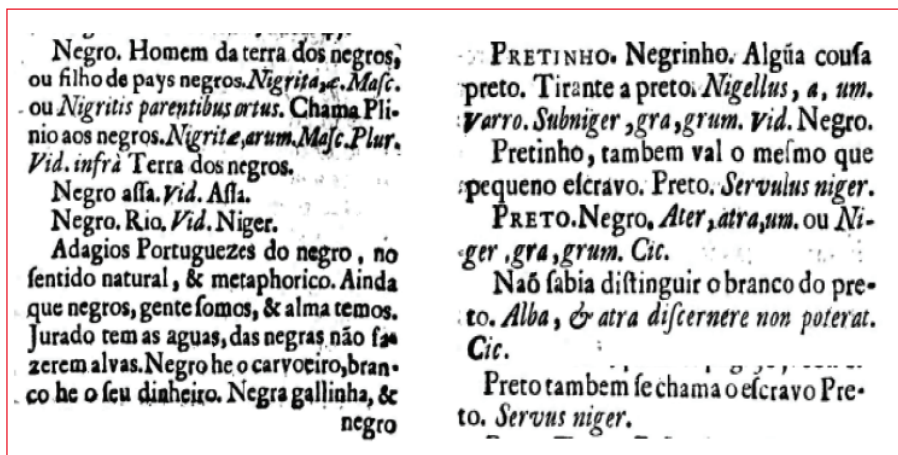
### 3. Análise dos verbetes “negro” e “preto”

Apresentamos neste momento os dados coletados e analisados, iniciando pelo dicionário de Rafael Bluteau. Segundo Nunes (2005), a obra, publicada em dez volumes entre 1712 e 1728 e dedicada ao rei de Portugal, D. João V, é um marco da lexicografia portuguesa por ser o primeiro majoritariamente monolíngue do português e por servir de base para o dicionário produzido por Antônio de Moraes Silva, sobre o qual discorreremos adiante.

Em Bluteau (1712), nota-se no verbete “negro” a menção à África, descrita como “Terra dos Negros”. Isso aponta para o local de origem dos negros, o que remete ao comércio escravagista operante na época. Além da definição, há um exemplo de uso a partir de um adágio (provérbio) português: “Ainda que negros, gente fomos, & alma temos.” Para que tal provérbio tenha sido criado, podemos pressupor a existência de discursos nos quais negros não tinham alma – e, portanto, não seriam considerados como “gente”.



**Figura 1** – Verbetes “negro”, “pretinho” e “preto”

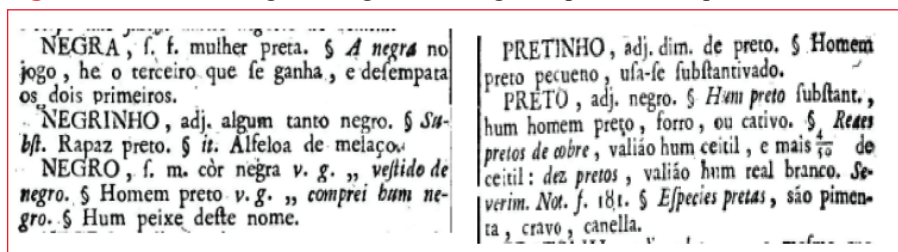


Fonte: Bluteau (1712), p. 703, 717.

Nos verbetes “preto” e “pretinho”, lê-se que “preto” é sinônimo de “escravo”; “pretinho”, o mesmo que “pequeno escravo”. Não há nessas definições uma referência à condição racial de “preto/pretinho”, isto é, ao fato de ser negro, mas apenas uma referência direta ao ser escravizado. Logo, o efeito de sentido produzido por essa entrada é o de que, caso alguém fosse da cor preta, seria automaticamente alguém escravizado.

Os excertos a seguir são do dicionário de Antônio de Moraes Silva, o primeiro monolíngue em português, publicado em 1789 e parcialmente baseado no de Bluteau (1712). Nele, Antônio de Moraes faz acréscimos de outras entradas e regulariza grafias da língua portuguesa, além de sistematizar informações gramaticais. De acordo com Nunes (2005), apesar de a obra ter sido publicada em Portugal, o fato de Antônio de Moraes ter crescido no Rio de Janeiro influenciou, de alguma forma, as definições apresentadas.

**Figura 2** – Verbetes “negra”, “negrinho”, “negro”, “pretinho” e “preto”



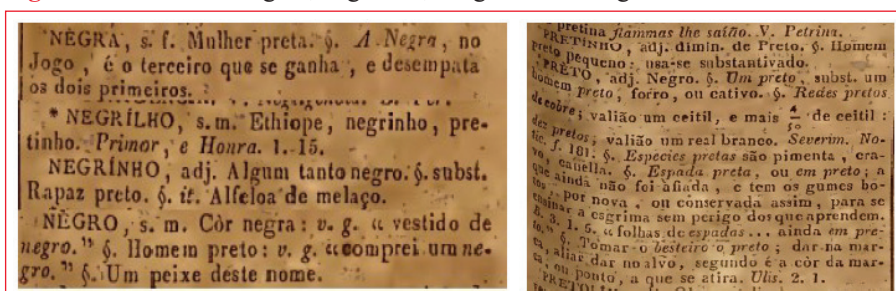
Fonte: Silva (1789), p. 113, 242.

Nesse dicionário (Silva, 1789), há uma definição de “negra” enquanto mulher, em relação sinonímica com “mulher preta”. Essa relação entre indivíduos negros e pessoas também ocorre nas definições dos verbetes “negrinho” (sinônimo de “rapaz preto”) e “negro” (um “homem preto”). No entanto, tal relação de “negra/negrinho/negro” e pessoas é deixada de lado nas frases usadas como exemplos de uso. Ao se mencionar “comprei hum negro”, há uma indicação de valor sobre os corpos de pessoas negras, vistas como mercadorias no sistema escravocrata vigente à época.

Nos verbetes “pretinho” e “preto” (Silva, 1789), o primeiro é definido como sinônimo de “homem preto pequeno”; o segundo, como “homem preto”. Nesse sentido, em ambas as definições, remete-se à mesma ideia de “negro”, a saber, a de que “preto” é usado em referência a pessoas. Porém, “preto” não apenas define o sujeito como “homem”, mas também como “forro (alforriado) ou cativo”. Isso significa que o ser preto está relacionado ao contexto da escravidão, quer por ser alguém escravizado, quer por ser alguém que deixou de ser escravizado por meio da alforria.

O próximo dicionário considerado para esta pesquisa é a segunda edição do Antônio de Moraes (Silva, 1813).

**Figura 3** – Verbetes “negra”, negrilho”, “negrinho” e “negro”



Fonte: Silva (1813), p. 293, 463.

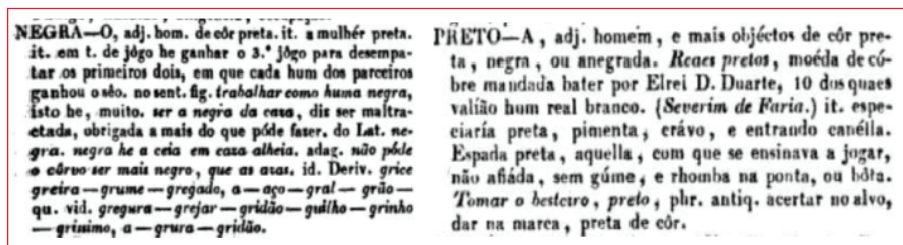
O primeiro ponto que podemos considerar em relação à edição anterior desse mesmo dicionário (Silva, 1789) é o acréscimo de “negrilho”, definido como “negrinho, pretinho”. “Negrinho”, por sua vez, é caracterizado novamente como “rapaz preto”. Por sua vez, os verbetes “negra” e “negro” trazem os mesmos exemplos e definições da versão anterior (Silva, 1789). Sendo assim, permanece a relação observada anteriormente entre o ser preto e o ser uma mercadoria.



À semelhança de “negra” e de “negro”, os verbetes “preto” e “pretinho” também mantêm as mesmas definições da primeira versão desse dicionário (Silva, 1789). Assim, apesar de haver uma lacuna de tempo de quase um quarto de século entre as publicações, há a manutenção dos efeitos de sentido produzidos, que permanecem inalterados.

A seguir, estão as entradas do dicionário de Antônio Maria do Couto, de 1842.

**Figura 4** – Verbetes “negra-o” e “preta-o”



Fonte: Couto (1842), p. 271, 315.

Em Couto (1842), “negra” é definido como “a mulhêr preta”, em referência à questão racial. No sentido figurado, acrescentam-se duas expressões idiomáticas: alguém que trabalha de forma exaustiva (“trabalhar como huma negra”), e alguém que é maltratado e obrigado a fazer mais do que pode (“a negra da casa”). Tais usos apontam para a noção de que as mulheres negras trabalhavam arduamente, sem pausa, sendo obrigadas por seus “donos”. Há, novamente, uma definição relacionada ao contexto de escravidão.

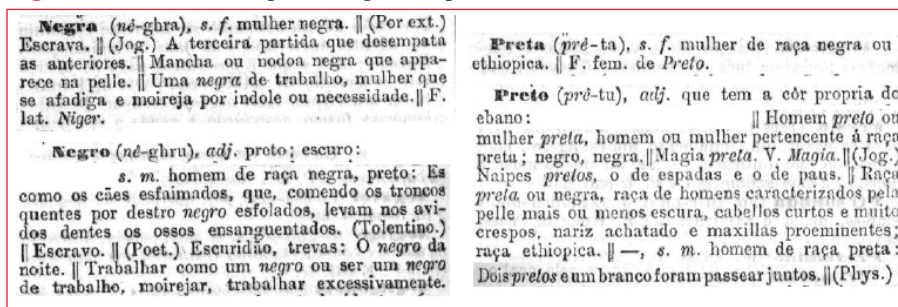
Um dado a ser destacado nesse verbete é que, apesar de as entradas de outros verbetes desse dicionário estarem no singular masculino, seguidas pela designação de uso no feminino (como em “preto-a”), vê-se na entrada em questão o contrário: “negra-o”. Isso pode ser explicado pelo fato de, talvez, ser mais comum o uso de “negra” do que de “negro”, algo comprovado pelo próprio uso de definições da palavra no feminino, conforme mencionado acima.

No verbete “preto-a”, há a definição de um adjetivo usado para descrever cor (“cor de homem” e “cor de objetos”). No entanto, ainda que o adjetivo “preto” seja usado como indicação de cor (por exemplo, carro preto, cadeira preta), a forma como o verbete foi elaborado produz o efeito de sentido de

que “homem [preto]” está na mesma categoria de “objetos”. Essa leitura é possível pelo uso de “e mais” seguido de “objéctos”, estabelecendo uma relação de que “homem [preto]” também seria um objeto.

Apresentamos a seguir os verbetes extraídos de Aulete (1881).

**Figura 5** – Verbetes “negra”, “negro” e “preto”



Fonte: Aulete (1881), p. 1218, 1402.

Nessa obra, “negra” e “negro” são definidos tanto como indivíduos (respectivamente, “mulher negra” e “homem de raça negra, preto”), quanto como escravos, além de serem associados ao trabalho árduo (“uma negra de trabalho, mulher que se afadiga [...]” e “Trabalhar como um negro ou ser um negro de trabalho, moirejar, trabalhar excessivamente, trabalhar”). Essa referência ao trabalho também é usada na abonação de “negro” (“Es como os cães esfaimados, que, comendo os troncos quentes por destro negro esfolados, [...]”). Por sua vez, “preta” e “preto” são usados como sinônimos de “negra” e de “negro”.

Consideraremos neste momento a obra de Cândido de Figueiredo (Figura 6). Publicada em 1913, a segunda edição desse dicionário veio a público vinte e cinco anos depois da abolição da escravatura no Brasil, dada com a assinatura da Lei Áurea, em 1888.

**Figura 6** – Verbetes “negra”, “negro” e “preta”

**negra, (nê)** *f.* Mulher negra. Escrava. *Ext.* Mulher, que trabalha muito. Nódoa negra na pelle. No jôgo, a partida que desempata as anteriores. \* *Pesc.* Cardume de sardinha. \* Negrinha, ave. (De negro)  
**negro** *adj.* Que é da côr mais privada de luz ou opposta á branca. Escuro, preto. Sombrio. Escurecido pelo tempo ou pelo sol. Vestido de preto. Lúgubre; triste. Funesto; maldito: *negra sorte.* Execrável. *M.* Indivíduo de raça negra, preto. Escravo. Sombras, trevas. \* Negrinha, ave. *Negro dos bosques*, insecto lepidóptero. (Do lat. *niger*)

**preta, (prê)** *f.* Mulhêr de raça negra.  
\* Uma das duas espécies de marcas, que designam os tentos no jôgo do bilhar.

Fonte: Figueiredo (1913), p. 1369, 1370, 1618.

À semelhança de dicionários anteriores, a entrada “negra” é definida tanto como “mulher”, como aquela “que trabalha muito”, além da definição de “escrava”. O mesmo ocorre com “negro”, definido tanto como “indivíduo de raça negra”, quanto como sinônimo de “escravo”. Por sua vez, a entrada “preta” é descrita como “mulher da raça negra”. Não há, porém, um verbo equivalente para a descrição de “preto”, à semelhança da entrada anterior, em que “negra” e “negro” são verbetes distintos.

Apresentamos abaixo outra edição do dicionário Antônio de Moraes Silva. Lançada em 1922, esta é a nona reedição da mesma obra publicada por Silva (1789).<sup>4</sup>

**Figura 7** – Verbetes “negra”, “negrinho”, “negro”, “pretinho” e “preto”

“NEGRA, s. f. Mulher preta. *y.* A Negra, no Jogo, é o terceiro que se ganha, e desempata os dois primeiros.  
NEGRINHO, adj. Algum tanto negro. *s.* subst. Rapaz preto. *s. u.* Alfeloa de melão.  
NEGRO, s. m. Côr negra: *v. g.* “vestido de negro.” *s.* Homem preto: *v. g.* “comprei um negro.” *s.* Um peixe deste nome.  
NEGRO, adj. De côr preta como a tinta de escrever, o carvão apagado. *s.* fig. Infausto, triste, desgraçado: *v. g.* negras novas; negra consolação, *Sá Mir. tudo a fim de conservar a negra Prelazia. M. Luis. negra hora. Eneida, Xl, 7.*  
PRETINHO, adj. dimin. de Preto. *s.* Homem preto pequeno: usa-se substantivado.  
PRETO, adj. Negro. *s.* Um preto, subst. um homem preto, furo, ou cativo. *s.* Reies preta de cobre; valião um ceitil, e mais <sup>4</sup>/<sub>5</sub> de ceitil: dez pretos, valião um real branco. *Severim, Nov. tic. f. 181. s.* *Especies pretas* são pimenta, carvo, canella. *s.* *Espada preta*, ou em preto, a que ainda não foi aliada, e tem os gumes brancos, por nova, ou conservada assim; para se ensinar a esgrima sem perigo dos que aprendem. *B. s. i. s.* “folhas de espadas... ainda em preto.” *s.* Tomar o besteiro o preto; dar no marroca, alias dar no alvo, segundo é a côr do marroca, ou ponto, a que se alira. *Ult. 2, 1.*

Fonte: Silva (1922), p. 339, 340, 500

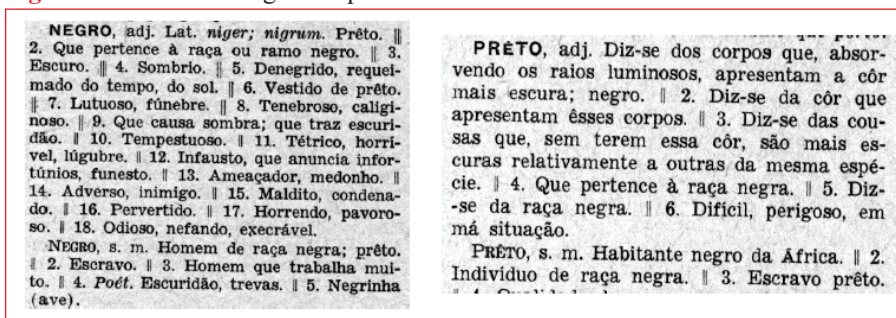
4. De acordo com Silva (1954a), as edições anteriores foram publicadas em 1789, 1813, 1823, 1831, 1844, 1858, 1887 e 1891. A cada nova edição, novas entradas e definições foram acrescentadas, bem como foram feitos ajustes ortográficos a fim de contemplar as mudanças linguísticas ocorridas entre uma publicação e outra.

Nos verbetes acima, constatamos a reprodução das mesmas definições publicadas nas outras duas edições desse mesmo dicionário (Silva, 1789, 1813) de “negra”, “negrinho” e “negro” já analisadas. Assim, “negra” é novamente definida como “mulher preta”; “negrinho”, como um “rapaz preto”; “negro”; como um “homem preto”. De igual modo, usa-se o mesmo exemplo – “comprei um negro”. Diferentemente da edição anterior desse dicionário (Silva, 1813), não há em Silva (1922) o registro de “negrilho”.

Quanto aos verbetes “pretinho” e “preto”, há a repetição das mesmas definições das edições anteriores desse dicionário (Silva, 1789, 1813), exceto por algumas mudanças ortográficas. Desse modo, “pretinho” e “preto” continuam, respectivamente, definidos como um “homem preto pequeno” e “negro [...] homem preto forro, ou cativo”. Esta última definição, à semelhança do exemplo dado na entrada de “negro” desse mesmo dicionário, retoma a mesma memória da escravidão encontrada nas edições anteriores, em que “preto” é alguém escravizado (“cativo”) ou que o deixou de ser (“forro”).

A próxima obra, o primeiro grande dicionário brasileiro de língua portuguesa, foi organizada por Laudelino Freire (1939), membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

**Figura 8** – Verbetes “negro” e “preto”



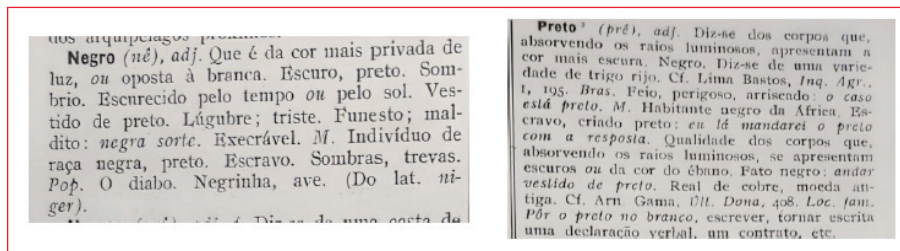
Fonte: Freire (1939), p. 3587, 4125.

À semelhança de obras anteriores, encontramos em Freire (1939) a definição de “negro” e “prêto” como indivíduos (“homem de raça negra, prêto” e “Indivíduo de raça negra”) e como escravos (“Escravo” e “Escravo prêto”). De igual modo, “negro” é associado ao trabalhar muito, como já registrado anteriormente. Quanto ao verbo “preto”, vê-se que este é um “habitante negro da África”, o que, de certo modo, desconsidera aqueles que

foram trazidos para o Brasil da África e que já habitavam terras brasileiras há alguns séculos.

A seguir, analisamos outra edição do dicionário Cândido Figueiredo (1949).

**Figura 9** – Verbetes “negro” e “preto”



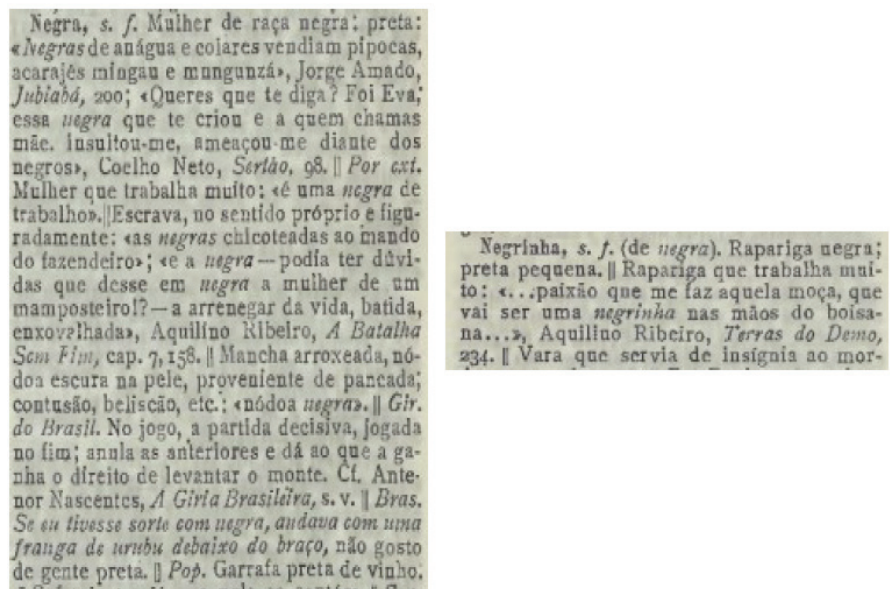
Fonte: Figueiredo (1949), p. 468, 759.

Esta publicação, à semelhança da edição anterior trazida neste trabalho (Figueiredo, 1913), também define “negro” como “indivíduo de raça negra, preto” e, concomitante, como sinônimo de “escravo” (Figura 9). Há, portanto, novamente uma associação entre o indivíduo negro e o já então abolido sistema escravagista. Por sua vez, em “preto”, há a mesma definição de Freire (1939) quanto ao preto ser um “habitante negro da África”, sem considerar sua presença em outros territórios. Além disso, “preto” também é definido como um “escravo” e/ou um “criado preto”, novamente uma alusão à memória do período escravocrata.

Reproduzimos a seguir as entradas encontradas na décima edição do dicionário de Antônio Moraes Silva, publicada em 1954. Diferentemente das anteriores (Silva, 1789, 1813 e 1922), a edição de 1954 é mais rica em suas descrições. Nesse sentido, há não apenas a repetição dos verbetes das edições anteriores, mas um maior detalhamento dos sentidos. Por esse motivo, iremos analisar os verbetes de forma separada.



**Figura 10** – Verbetes “negra” e “negrinha”



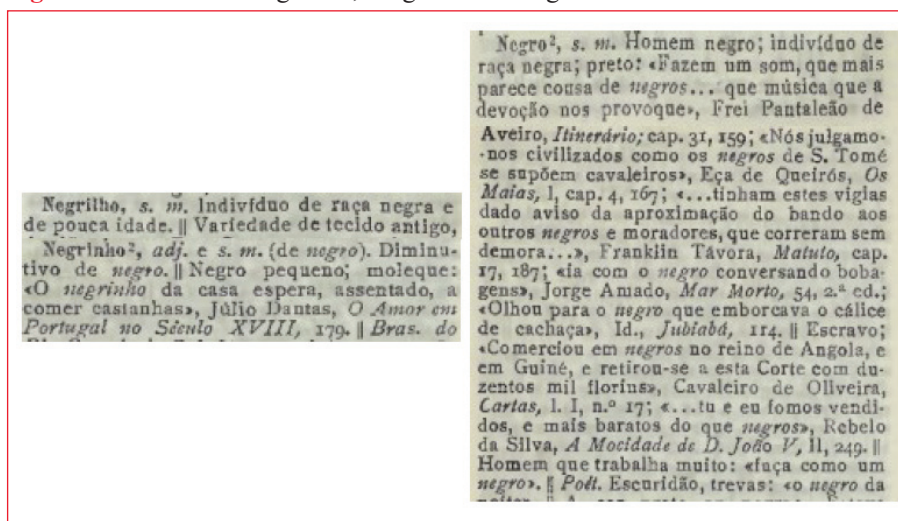
Fonte: Silva (1954a), p. 225, 228.

No verbete “negra”, esta é descrita como sinônimo de “preta” e associada ao trabalho árduo (“Mulher que trabalha muito”) e à escravidão (“escrava”). Essa referência ao período escravagista também aparece tanto na abonação (“Foi Eva, essa negra que te criou e a quem chamas de mãe”, retomando a memória de que, muitas vezes, as negras criavam filhos de seus senhores), quanto no exemplo de uso (“as negras chicoteadas ao mando do fazendeiro”, enunciado sustentado por uma memória dos maus-tratos sofridos por mulheres negras durante a escravidão no Brasil).

Também há menção de brasileirismos que parecem indicar a existência um tipo de depreciação no meio social não apenas às mulheres negras (“Se eu tivesse sorte com negra, andava com uma franga de urubu debaixo do braço” — uma associação de que mulheres negras seriam comparáveis a “urubus”), mas aos negros de modo geral (“não gosto de gente preta”). Em “negrinha”, definida como “rapariga negra; preta pequena”, há novamente uma referência ao trabalho árduo (“rapariga que trabalha muito”) exercido por negros.



**Figura 11** – Verbetes “negrilho”, “negrinho” e “negro”



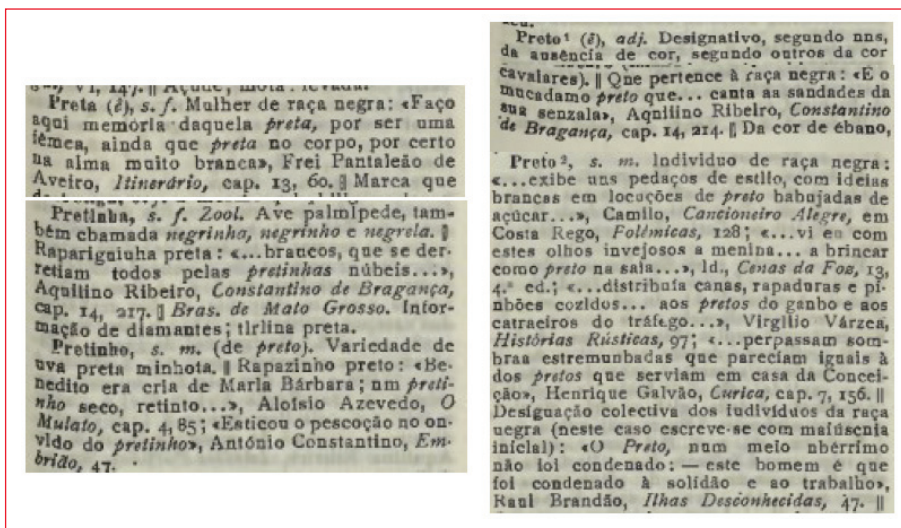
Fonte: Silva (1954a), p. 227-230.

Em Silva (1954a), as derivações de “negro” – “negrilho” e “negrinho” – trazem em suas definições referências a negros (respectivamente, “indivíduo de raça negra” e “diminutivo de negro”) jovens (“de pouca idade” e “moleque”). “Negrinho” é também definido como negro de baixa estatura (“negro pequeno”).

Por sua vez, o verbete “negro”, além de representar o indivíduo como “da raça negra” e “preto”, também o define como sinônimo de “escravo”. Além disso, do mesmo modo que a definição de “negrinha” desse dicionário, há uma associação entre esse indivíduo e o muito trabalhar (“Homem que trabalha muito”). Nesse verbete, também há referência a ações ou a costumes “de negros” como algo ruim (“fuça como um negro”). Por fim, os mesmos adágios encontrados em Bluteau (1712) são reproduzidos em grafia contemporânea, (“ainda que negros, gente somos e alma temos”). Novamente, podemos pressupor a existência de discursos de que negros não tinham alma e que, por isso, não seriam considerados “humanos”, discursos estes sustentados por uma memória do período em que esses indivíduos eram comercializados e escravizados. Tal memória também é encontrada em uma das abonações escolhidas para esse verbete (“...tu e eu fomos vendidos, e mais baratos do que negros”).

A seguir, reproduzimos os verbetes “preta”, “pretinha”, “pretinho” e “preto” desse mesmo dicionário (Silva, 1954b). Diferentemente das edições anteriores (Silva, 1789, 1813, 1922), nesta encontramos tal palavra dicionarizada e definida como “mulher de raça negra”, em referência a indivíduos. Em seguida, afirma-se na abonação que “...ainda que preta no corpo, por certo na alma muito branca.”. Tal discurso remete à ideia de que a mulher pode ser “boa” por dentro (“na alma [é] muito branca”), mesmo que, externamente, não aparente isso pelo fato de ser preta (“ainda que preta no corpo”). Há, assim, a ideia de que ser preto é aceitável desde que, internamente, tenha-se “espírito de branco”.

**Figura 12** – Verbetes “preta”, “pretinha”, “pretinho” e “preto”



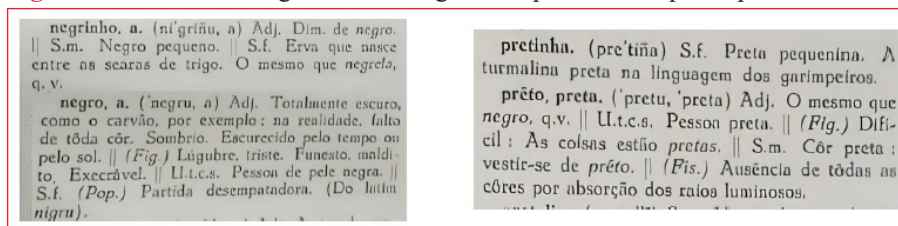
Fonte: Silva (1954b), p. 677, 681.

Do mesmo modo que a entrada de “preta”, encontramos em “preto”, além de referências ao indivíduo, discursos que remetem à época da escravidão. Enquanto adjetivo, “preto” é definido como alguém “que pertence à raça negra”. Quanto à abonação usada (“É o mucadamo preto que... canta saudades da sua senzala”), mais uma vez é retomada a memória da escravidão por meio da menção de um mucadamo (barqueiro) que canta sobre sua senzala (moradia dos escravizados). Por sua vez, em “preto” como substantivo, há novamente tanto uma definição de alguém pertencente à raça negra (“indivíduo de raça negra”; “designação colectiva dos indivíduos da

raça negra”), quanto uma abonação que remete à ideia de servilismo desses indivíduos (“...pretos que serviam em casa da Conceição.”). Por último, as definições de “pretinha” e de “pretinho” descrevem pretos jovens e de baixa estatura (respectivamente, “rapariguinha preta” e “rapazinho preto”). Nestes casos, não há associações entre esses indivíduos com o período escravocrata.

Reproduzimos a seguir os verbetes extraídos do dicionário de Nascentes (1967), publicado sob encomenda da Academia Brasileira de Letras (ABL). Nas definições dessa obra (Figura 13), “negrinho/a” e “negro/a” são descritos apenas como indivíduos (“negro pequeno” e “pessoa de pele negra”). No *corpus* selecionado para este trabalho, é a primeira ocorrência em que não há uma associação, direta ou indireta, entre negros e o período escravagista. O mesmo pode ser afirmado quanto aos verbetes “pretinha” e “prêto, preta”. Novamente há apenas referência ao indivíduo (“preta pequenina”; “o mesmo que negro”; “pessoa preta”), sem relação entre tais indivíduos e a escravidão.

**Figura 13** – Verbetes “negrinho, a”, “negro, a”, “pretinha” e “prêto, preta”



Fonte: Nascentes (1967), p. 225, 443.

A próxima obra analisada é o dicionário Aurélio (Ferreira, 1986). Este talvez seja um dos dicionários mais populares da história recente do Brasil, dada sua larga circulação e suas muitas edições.<sup>5</sup>

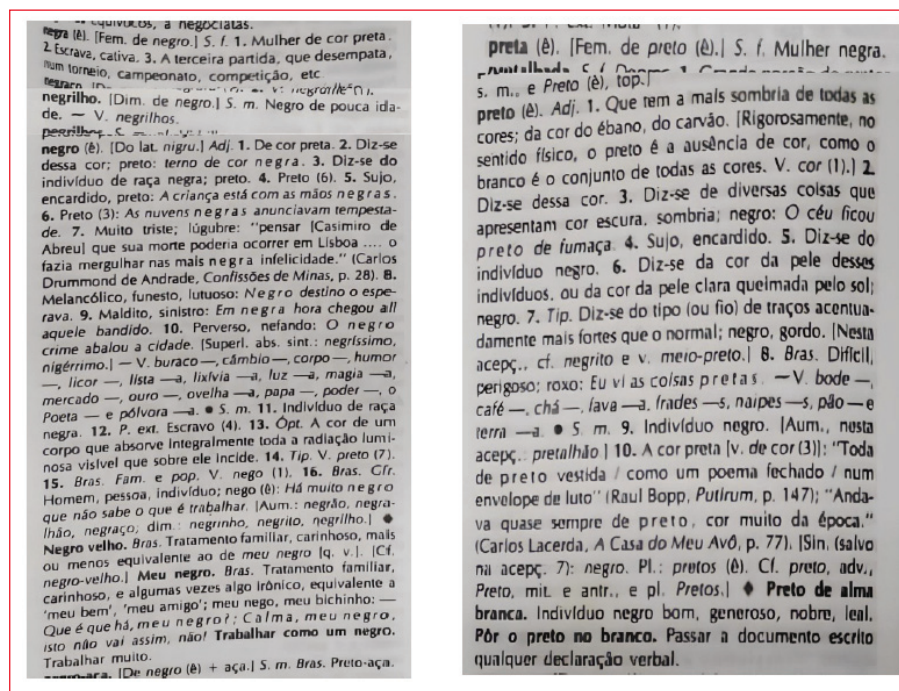
No recorte abaixo (Figura 14), vemos que, nos verbetes “negra”, “negrinho” e “negro”, há tanto uma referência a pessoas (respectivamente, “mulher de cor preta”; “negro de pouca idade” e “diz-se do indivíduo de raça negra; preto”, “indivíduo de raça negra”), quanto uma associação ao contexto da escravidão, a saber, “negra” é definido como “escrava” e “cativa”; “negro”, por sua vez, além de ser “de raça negra” é “p. ext [*por extensão*], escla-

5. Há, inclusive, uma memória sobre “Aurélio” ser usado como metonímia para dicionário. Veja o trabalho de Biderman (2000).

vo”. Assim, se uma pessoa é negra, é, portanto, uma escrava. No final do verbete, há a expressão “Trabalhar como um negro”, em referência àquele que trabalha muito.

No verbete “preta”, temos apenas a definição de “mulher negra”. Entretanto, em comparação com o verbete “preto”, percebemos que este não é definido somente como “indivíduo negro”. Observa-se, ao final, uma expressão cuja memória se estende até os dias de hoje (“preto de alma branca”), para designar um “indivíduo negro” que é “bom, generoso, nobre, leal”. Tal expressão implica que, apesar de ser preta, a pessoa tem boa conduta. Por inferência, isso nos leva a concluir que pessoas pretas são más, egoístas, brutas e desleais – características antagônicas às de quem é “de alma branca”.

**Figura 14** – Verbetes “negra”, “negrilho”, “negro”, “preta” e “preto”

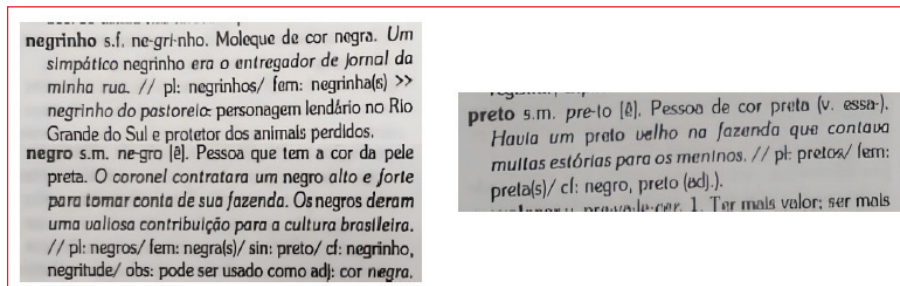


Fonte: Ferreira (1986), p. 1187, 1390.

A seguir, analisaremos as entradas encontradas na obra elaborada por Maria Tereza Biderman (1992), importante lexicóloga e dicionarista brasileira.



**Figura 15** – Verbetes “negrinho”, “negro” e “preto”



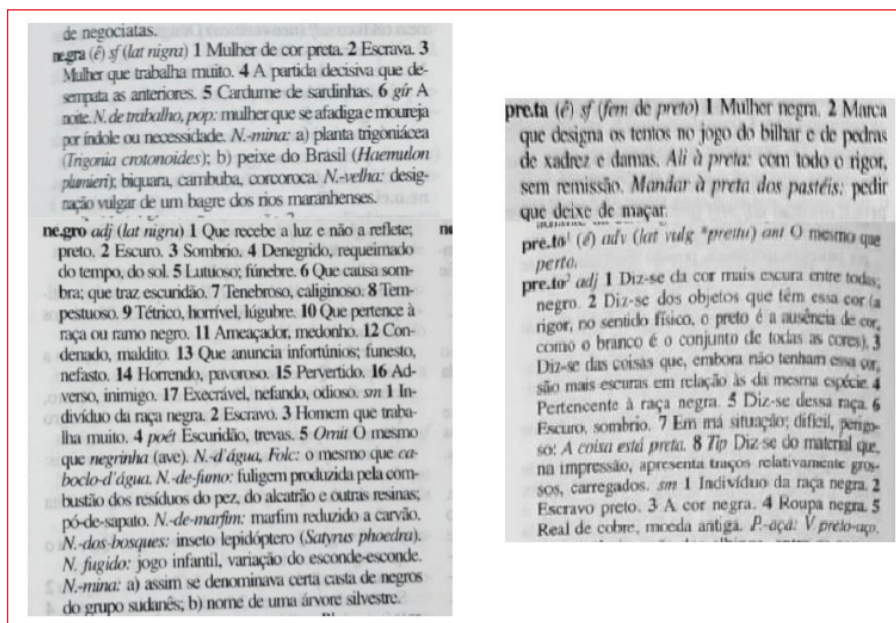
Fonte: Biderman (1992), p. 656, 749.

Nesse dicionário, as entradas “negrinho” e “negro” são definidas, respectivamente, como “moleque de cor negra” e “pessoa que tem a cor da pele preta”. À semelhança de Nascentes (1967), esta obra define negros somente pela característica da pele, sem relacioná-los à escravidão. De igual modo, as orações usadas como exemplos de uso de “negrinho” e de “negro” (“Um simpático negrinho era o entregador de jornal da minha rua.” e “Os negros deram uma valiosa contribuição para a cultura brasileira.”) têm um tom positivo, sem a atribuição de características depreciativas. Não há entradas específicas para “negra”, tampouco palavras derivadas.

Quanto à entrada de “preto”, o dicionário de Biderman (1992) traz como definição apenas uma descrição física de indivíduos pretos (“pessoa de cor preta”). À semelhança de “negrinho” e de “negro” dessa mesma obra, o exemplo usado (“Havia um preto velho na fazenda que contava muitas histórias para os meninos”) não faz referência ao período escravocrata, nem usa um tom depreciativo para definir tais indivíduos.

A próxima obra a ser analisada, o dicionário Michaelis, foi publicada em 1998 e é apenas mais uma de várias sob o mesmo nome. Conhecido pela publicação de dicionários e de enciclopédias em língua portuguesa, “Michaelis” refere-se a uma família de origem alemã que se estabeleceu no Brasil e que teve grande influência na área editorial e lexicográfica.

**Figura 16** – Verbetes “negra”, “negro”, “preta” e “preto”



Fonte: Michaelis (1998), p. 1447, 1649.

No dicionário Michaelis (1998), “negra” e “negro” são descritos da mesma forma: primeiramente, como indivíduos (“mulher de cor preta”; “indivíduo da raça negra”); em seguida, como sinônimos de “escrava” e “escravo”; por fim, são associados a trabalho árduo (“mulher que trabalha muito”; “homem que trabalha muito”). Há, nesses casos, uma relação direta entre o ser negra/o e o ser escrava/o, novamente retomando uma memória do período escravocrata.

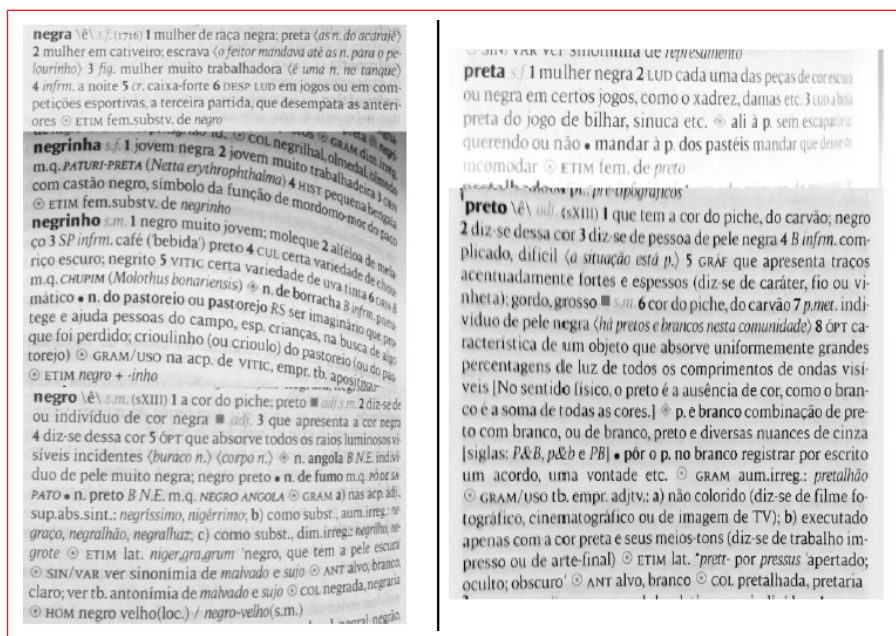
A entrada de “preta” descreve o indivíduo apenas como “mulher negra”, sem definições ou exemplos relacionando-a à escravidão. Por outro lado, na entrada de “preto”, além das definições de “pertencente à raça negra” e de “indivíduo de raça negra”, há a menção de “escravo preto” como uma das definições.

A seguir, analisamos outra edição do dicionário Aurélio, publicada em 2004, já no século XXI.





**Figura 18** – Verbetes “negra”, “negrinha”, “negrinho”, “negro”, “preta” e “preto”



Fonte: Houaiss (2009), p. 1348, 1549.

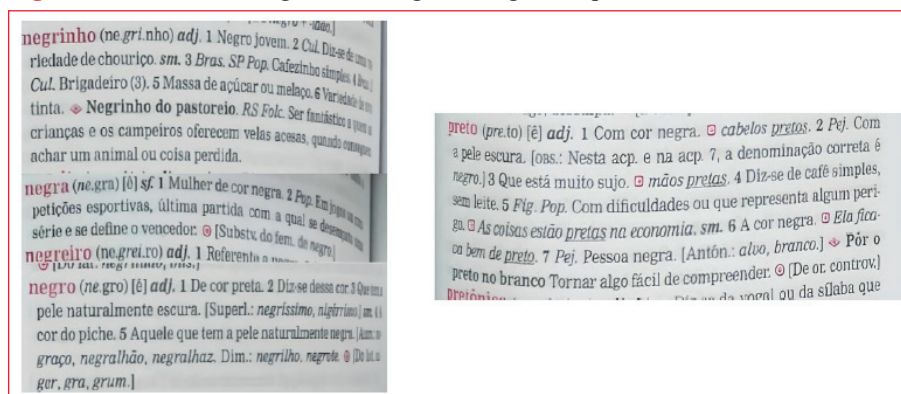
Nesse dicionário, além das definições que remetem a indivíduos (“mulher de raça negra; preta”, “jovem negra”; “negro muito jovem, moleque”; “indivíduo de cor negra”), há uma referência entre o ser negra e o ser escravizada (“mulher em cativeiro; escrava”). Assim, nota-se a continuidade de um discurso pró-escravidão. Além disso, há novamente a relação entre trabalho e mulheres negras na entrada de “negrinha” (“jovem muito trabalhadeira”).

Nas entradas acima (Figura 18), as definições de “preta” e de “preto”, diferentemente das de “negra/negrinha” e de “negro/negrinho”, não apresentam conotação racista nem exemplos que remetam a esse sentido, mas apenas a descrição de indivíduos (“mulher negra”; “pessoa de pele negra”).

Apresentamos a seguir as definições encontradas no dicionário de Evânildo Bechara, publicado em 2011. Nele, as entradas “negrinho”, “negra” e “negro” trazem apenas definições em referência aos respectivos indivíduos (“negro jovem”; “mulher de cor negra”; “aquele que tem a pele naturalmente negra”). Não há, portanto, nenhuma associação, direta ou indireta, entre tais indivíduos e a escravidão.

Bechara (2011) também indica que “preto” é uma “pessoa negra” e “com a pele escura”. Porém, o uso dessa palavra é apontado como pejorativo para referência a indivíduos, preferindo-se o uso de “negro” (cf. observado em “a denominação correta é negro.”). Essa observação reflete os discursos de então, quando se discutia sobre ser apropriado referir-se ao indivíduo como “preto” ou como “negro”. De qualquer forma, assim como na entrada de “negro” e de seus derivados, não há elementos associando “preto” ao período de escravidão.

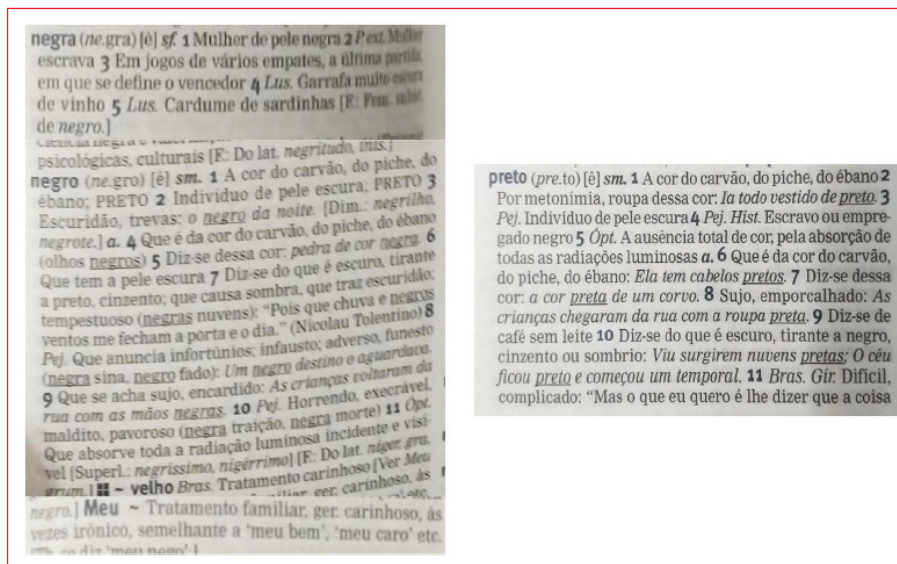
**Figura 19** – Verbetes “negrinho”, “negra”, “negro” e “preto”



Fonte: Bechara (2011), p. 856, 953.

O último dicionário impresso que analisamos neste trabalho é o Caldas Aulete (Figura 20), também publicado em 2011, assim como a obra de Bechara (2011). Nele, “negra” é definida como “mulher de pele negra” e, por extensão, “mulher escrava.” Assim, há nessa definição uma relação de causa-consequência entre o ser mulher negra e o ser escrava (“negra; logo, escrava”), definição semelhante à encontrada em Aurélio (Ferreira, 1986).

**Figura 20** – Verbetes “negra”, “negro” e “preto”



Fonte: Aulete (2011), p. 964,965,1108.

Vale ressaltar que o uso de “preto” em referência a “um indivíduo de pele escura” é pejorativo, de modo semelhante ao encontrado na obra de Bechara (2011), publicada no mesmo ano. Ainda de acordo com tal verbete, antes da definição de “preto” como “escravo ou empregado negro”, há uma indicação de que esse uso é pejorativo e histórico (“*Pej. Hist.*”). No *corpus* de análise deste trabalho, esta é a primeira ocorrência encontrada de que a associação entre pretos e escravos foi usada, em um passado histórico, de forma pejorativa. Ao registrar tal ocorrência, o efeito de sentido produzido é de que esse uso é de outra época e, por inferência, não deveria ser usado hoje.

Analisaremos, neste momento, dois dicionários disponíveis na internet. Ainda que já haja um padrão quanto às definições de “negro” e “preto” nos dicionários impressos apresentados até este ponto – padrão este que discutiremos mais adiante, pode-se objetar que tais obras já não tenham a mesma influência na sociedade contemporânea que talvez tivessem no passado em função da facilidade de se buscar conteúdos nos meios digitais – como popularmente se diz, basta “dar um Google”. Assim, à luz dos objetivos desta pesquisa, decidimos também coletar os dados de dois dicionários digitais.



**Figura 21** – Verbetes “negra”, “negro”, “preta” e “preto”

Verbetes Atualizado	Verbetes Original
<p><b>negra</b></p> <p>(ne. gra)</p> <p>[ê]</p> <p>sf</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Mulher de pele negra.</li> <li>2. P.ext. Mulher escrava.</li> <li>3. Em jogos de vários empates, a última partida, em que se define o vencedor.</li> <li>4. Lus. Garrafa muito escura de vinho.</li> <li>5. Lus. Cardume de sardinhas. [F.: fem. subst. de negro.]</li> </ol>	<p><b>preta</b></p> <p>s. f.    mulher de raça negra.    Uma das duas espécies de marcas, designativas dos tentos (no jogo do bilhar).    Cada uma das peças de cor negra (opostas às brancas), nos jogos de xadrez, damas, etc.    Variedade de cereja.    (Bras.) (gir. de gatunos) Garrafa.    Ali à preta 1. (Chul.) exatamente; com todo o rigor, sem se fazer rogar. F. Preto.</p>
<p><b>negro</b></p> <p>(ne.gro)</p> <p>[ê]</p> <p>sm.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A cor do carvão, do piche, do ébano; PRETO</li> <li>2. Indivíduo de pele escura; PRETO</li> <li>3. Escuridão, trevas: <i>o negro da noite</i>.</li> </ol> <p>a.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Que é da cor do carvão, do piche, do ébano (olhos <i>negros</i>).</li> <li>5. Diz-se dessa cor: <i>pedra de cor negra</i>.</li> <li>6. Que tem a pele escura.</li> </ol> <p><b>Negro velho</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Bras. Tratamento carinhoso. [Ver <i>Meu negro</i>.]</li> </ol> <p><b>Meu negro</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Tratamento familiar, ger. carinhoso, às vezes irônico, semelhante a 'meu bem', 'meu caro' etc. [Tb. se diz 'meu nego']</li> </ol>	<p><b>preto</b></p> <p>(pre.to)</p> <p>[ê]</p> <p>sm.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A cor do carvão, do piche, do ébano</li> <li>2. Por metonímia, roupa dessa cor: <i>la todo vestido de preto</i>.</li> <li>3. Pej. Indivíduo de pele escura.</li> <li>4. Pej. Hist. Escravo ou empregado negro.</li> <li>5. Ópt. A ausência total de cor, pela absorção de todas as radiações luminosas</li> </ol> <p>a.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>6. Que é da cor do carvão, do piche, do ébano: <i>Ela tem cabelos pretos</i>.</li> <li>7. Diz-se dessa cor: <i>a cor preta de um corvo</i>.</li> <li>8. Sujo, emporcalhado: <i>As crianças chegaram da rua com a roupa preta</i></li> <li>9. Diz-se de café sem leite</li> <li>10. Diz-se do que é escuro, tirante a negro, cinzento ou sombrio: <i>Viu surgirem nuvens pretas: O céu ficou preto e começou um temporal</i>.</li> <li>11. Bras. Gir. Difícil, complicado: "Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta" (Chico Buarque e Francis Hime, <i>Meu caro amigo</i>)</li> <li>12. Diz-se do que tem cor mais escura do que os demais do mesmo tipo (pão <i>preto</i>, passas <i>pretas</i>)</li> <li>13. Pej. Que tem a pele escura</li> </ol>

Fonte: Aulete digital. Acesso em: 10 abr. 2024.

O primeiro dicionário considerado é o Aulete digital<sup>6</sup> (Figura 21, acima). Nele, praticamente as mesmas definições dos outros dicionários Aulete analisados neste trabalho (Aulete, 1881, 2011) são repetidas, apesar da indicação de que os verbetes foram atualizados. Assim, da mesma forma que aquilo encontrado na obra do século XIX (Aulete, 1881), ainda se define que “negra” é uma “mulher negra” e, por extensão (“*Por ext.*”), “escrava”.

Tal dado chama a atenção quando comparado com as definições dos verbetes “negro” e “preto”. O primeiro é definido como um indivíduo (“indivíduo de pele escura” e “quem tem a pele escura”); o segundo, a partir de uma referência pejorativa a esses indivíduos (“*Pej.* Indivíduo de pele escura” e “*Pej.* Que tem a pele escura”) e de seu uso histórico (“*Pej.*

6. Disponível para consulta em: [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br).

*Hist.* Escravo ou empregado negro.”). Desse modo, indica-se que a palavra “preto” era usada como sinônimo de “escravo” em um período passado. O mesmo, porém, não acontece com “negra” que, como mencionado acima, ainda seria, segundo esse dicionário, considerada “escrava” ainda hoje (algo como “negra; logo, escrava”).

Por fim, analisamos o dicionário digital Houaiss UOL<sup>7</sup> (Figura 22, abaixo). Em comparação com a versão impressa analisada anteriormente (Houaiss, 2009), a digital traz algumas atualizações, um indicativo de uma possível revisão de verbetes. Em “negra”, por exemplo, a primeira definição foi alterada de “mulher de raça negra” (Houaiss, 2009, p. 1348) para “mulher negróide africana ou afrodescendente; mulher cuja cor de pele é negra; preta”. Parece haver, assim, uma adequação aos discursos correntes quanto ao uso de “afrodescendente”. Por outro lado, houve uma manutenção da segunda definição (“mulher em cativeiro; escrava”).

Do mesmo modo que aquilo observado no dicionário Aulete digital, o Houaiss UOL também define “negra” como sinônimo de “escrava”, ao passo em que há uma anotação que indica que o verbete “preto” como sinônimo de “escravo” não é de uso corrente, mas aponta para um passado na história brasileira (“*HIST* escravo ou empregado negro”).

**Figura 22** – Verbetes “negra”, “negro”, “preta”, “preto e “preto”

**negra** (1562 *cf. Jc<sup>1</sup>*) ortoépia: é

princ. loc. etim.

**substantivo feminino**

- mulher negróide africana ou afrodescendente; mulher cuja cor da pele é negra; preta «as n. do acarajé»
- mulher em cativeiro; escrava «o feitor mandava até as n. para o pelourinho»
- fig.* mulher muito trabalhadora «é uma n. no tanque»
- infrim.* a noite
- cf.* caixa-forte
- p.* mancha, nódoa escura na pele causada por contusão
- p.* cardume de sardinhas
- p.* *infrim.* garrafa de vinho escura
- DESP.* LUD no jogo ou em competições esportivas, última partida de uma série decisiva

**negro** (sXIII *cf. FichIVPM*) ortoépia: é

princ. loc. etim. gram.

**substantivo masculino**

- a cor do piche; preto
- (1549) *HIST* epíteto atribuído aos indígenas brasileiros pelos primeiros colonizadores brasileiros «estão estes N. mui espantados de nossos officios divinos»

**adjetivo e substantivo masculino** (1594)

- diz-se de ou indivíduo de cor negra

**adjetivo**

- que apresenta a cor negra
- diz-se dessa cor
- OPT.* que absorve todos os raios luminosos visíveis incidentes «buraco n.» «corpo n.»

**preta** ortoépia: é

princ. loc. etim.

**substantivo feminino**

- mulher negra
- cada uma das peças de cor escura ou negra em certos jogos, como o xadrez, damas etc.
- a bola preta do jogo de bilhar, sinuca etc.

**preto** (1267 *CF. Rlor*) ortoépia: é

princ. loc. etim. gram.

**substantivo masculino**

- HIST* escravo ou empregado negro
- (1720) a cor do piche; a cor preta «o p. foi muito usado na obra desse pintor»
- (1789) *p.met.* indivíduo descendente de africanos de cor negra «há pretos e brancos nesta comunidade»
- p.met.* roupa de cor preta «ficar bem de p.»
- HIST.NUMS.* moeda antiga de cobre, de um real
- OPT.* característica de um objeto que absorve uniformemente grandes porcentagens de luz de todos os comprimentos de ondas visíveis [No sentido físico, o preto é a ausência de cor, como o branco é a soma de todas as cores.]

Fonte: Houaiss UOL. Acesso em: 10 abr. 2024.



#### 4. Considerações finais

Nos registros analisados, constatamos haver não apenas a descrição de “negro” e de “preto” como “indivíduos” ou “pessoas”, como se espera de dicionários, mas também uma associação dos tais a elementos da escravidão no contexto brasileiro, em que esses indivíduos eram comercializados. Nesse sentido, apontamos a inexistência de suposta impessoalidade ou de imparcialidade da parte dos dicionários, ao contrário do que popularmente se crê existir, visto que, conforme mencionado inicialmente, os discursos presentes nos dicionários são ideologicamente marcados (Borba, 2003). Para apontar as marcas ideológicas encontradas no *corpus* deste trabalho, organizamos a tabela a seguir (Tabela 1, na página seguinte). Ao considerarmos os efeitos de sentido encontrados, podemos notar que os dicionários analisados veiculam um tom racista, fruto de um discurso pró-escravidão presente na sociedade na época de publicação das obras.

**Tabela 1** – Efeitos de sentido das entradas do *corpus* de pesquisa

DICIONÁRIO	Indivíduo sem alma	sinônimo de “escravo”	indivíduo comercializável	associação a trabalho árduo	associação a objetos	associação a costumes ou ações ruins
Rafael Bluteau (1712)	✓	✓				
Antônio de Moraes Silva (1789)		✓	✓			
Antônio de Moraes Silva (1813)		✓	✓			
Antônio Maria do Couto (1842)				✓	✓	
Caldas Aulete (1881)		✓		✓		
Cândido de Figueiredo (1913)		✓		✓		
Antônio de Moraes Silva (1922)		✓	✓			
Laudelino Freire (1939)		✓		✓		
Cândido de Figueiredo (1949)		✓				
Antônio de Moraes Silva (1954a, 1954b)	✓	✓	✓	✓		✓
Antenor Nascentes (1967)						
Aurélio (1986)		✓		✓		

DICIONÁRIO	Indivíduo sem alma	sinônimo de “escravo”	indivíduo comercializável	associação a trabalho árduo	associação a objetos	associação a costumes ou ações ruins
Maria Tereza Biderman (1992)						
Michaelis (1998)		✓		✓		
Aurélio (2004)		✓		✓		
Houaiss (2009)		✓		✓		
Evanildo Bechara (2011)						
Caldas Aulete (2011)		✓				
Aulete Digital (2024)		✓				
Houaiss UOL (2024)		✓		✓		

Fonte: autoria própria

Tais resultados são, em certa medida, esperados quanto aos dicionários publicados no período em que a escravidão era legalizada no Brasil. No entanto, não era de se esperar que os outros dicionários, por terem sido publicados após a Lei Áurea (1888), veiculassem tais definições. O que aconteceu, porém, foi contrário: há, na grande maioria das obras analisadas, uma associação entre negros/pretos e o período escravocrata no território brasileiro. Em várias delas, há uma relação sinonímica entre o ser negro/preto e o ser escravo. Portanto, as definições dos dicionários analisados, por veicularem discursos de sujeitos inscritos em uma conjuntura histórica (Maingueneau, 1997), contêm um posicionamento ideológico, sendo este característico de um discurso pró-escravidão, o que é polêmico, dada a função dos dicionários de orientar quanto aos significados disponíveis em um idioma (Biderman, 2000).

Alguns casos chamam a atenção, como o dos dicionários de Caldas Aulete, que repetem os mesmos discursos entre sua primeira publicação (Aulete, 1881) e a versão digital corrente (Aulete Digital, consultado em 2024). Assim, apesar do grande intervalo de tempo entre as publicações (quase 150 anos), os mesmos discursos foram mantidos e reproduzidos, a despeito da possibilidade de atualização de verbetes. Essa manutenção de discursos também foi observada em outras obras, como nos dicionários de Antônio de Moraes Silva (nas edições de 1789, de 1813 e de 1954 – um intervalo

de 165 anos entre as publicações), nos dicionários de Cândido Figueiredo (nas edições de 1913 e de 1949 – ao todo, 36 anos entre as publicações) e de Aurélio (nas edições de 1986 e de 2004 – um intervalo de 18 anos).

A análise das informações encontradas nos dicionários, e resumidas na Tabela 1, aponta para duas conclusões finais. A primeira é a de que, apesar da existência de uma lei abolindo a escravidão no território brasileiro em 1888, os discursos produzidos na sociedade apontam para a manutenção desse discurso ao longo do século XX e, também, nas duas primeiras décadas do século XXI. Nesse sentido, notamos como os discursos na/da sociedade incidem na produção de verbetes – que é enviesada por ser uma produção discursiva e, como tal, atravessada por ideais, valores, crenças, contexto histórico etc. –, o que apenas reforça que dicionários são ideologicamente marcados, como apontado por Borba (2003).

A segunda conclusão é sobre haver, ou não, diferenças quanto aos registros desses verbetes ao longo do tempo. Considerando-se o período de tempo entre a primeira e a última publicação selecionadas para esta pesquisa, constatamos que não houve mudanças significativas nesse sentido: na maioria das entradas analisadas, há marcas discursivas que apontam para uma associação entre “negro” e “preto” ao contexto da escravidão. Assim, apesar do longo período de mais de três séculos entre as obras analisadas, os registros mantiveram, de forma geral, as mesmas ideias.

Tais conclusões podem ser explicadas por meio da memória discursiva. Em sua grande maioria, as definições analisadas se sustentam com base em pré-construídos e em já-ditos (Orlandi, 2005) que remontam à época em que a escravidão era legalizada no Brasil – e cujos desdobramentos e repercussões ainda persistem. Nesse sentido, a produção discursiva nos verbetes analisados não é apenas sustentada pelos implícitos que permeiam o imaginário individual e coletivo da sociedade (Pêcheux, 2015), como também repete formulações (Courtine, 2014) presentes no(s) discurso(s) dessa mesma sociedade.

A exceção a essas constatações foi o conteúdo publicado pelos dicionários de Antenor Nascentes (1967), de Biderman (1992), e de Bechara (2011), nos quais negros/pretos são descritos apenas como indivíduos. Dentre os três, destacamos o de Biderman (1992), o único que veicula um discurso em que há um tom positivo ao se referir aos negros, associando-os a uma “valiosa contribuição para a cultura brasileira”. Há, neste último exemplo, uma memória não do negro durante o período escravocrata, mas de sua

participação ativa para a constituição daquilo que se entende hoje como cultura brasileira. Tais dicionários são, assim, uma demonstração de que o papel dos dicionários na construção de significados não deve ser visto de forma estática, mostrando haver espaço para a atualização e a ressignificação de discursos.

### Agradecimentos

*O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Edital IFSP nº 214/2023 – IFSP/CNPq.*

### Conflito de interesses

*Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.*

### Contribuição dos autores

*Nós, Rafael Prearo-Lima e Franciele de Souza Meira, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Todos nós participamos da conceptualização do estudo, da metodologia, do estudo teórico, bem como da coleta e da análise dos dados. De igual modo, ambos participamos da escrita, da edição e da revisão do texto. Todos nós aprovamos a versão final do manuscrito e somos responsáveis por todos os aspectos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.*

### Disponibilidade dos dados

*Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.*

### Referências

- Aulete, C. (1881). *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Imprensa Nacional.
- Aulete, C. (2011). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lexikon.
- Bechara, E. (2011). *Dicionário da língua portuguesa* Evanildo Bechara. Nova Fronteira.

- Biderman, M. T. C. (1984). O dicionário padrão da língua. *Alfa*, 28, 27-43.  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>
- Biderman, M. T. C. (1992). *Dicionário contemporâneo de português*. Vozes.
- Biderman, M. T. C. (2000). Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, 44, 27-55.  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4198>
- Bluteau, R. (1712). *Vocabulario portuguez e latino*. Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- Borba, F. da S. (2003). *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. Editora Unesp.
- Brandão, H. H. N. (2004). *Introdução à análise do discurso*. Editora da Unicamp.
- Courtine, J.-J. (2014) *Análise do discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. EduFScar.
- Couto, A. M. do. (1842). *Diccionario da maior parte dos termos homónimos, e equívocos da lingua portuguesa*. Typographia de António Joze da Rocha.
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Nova Fronteira.
- Ferreira, A. B. de H. (2004). *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 3. ed. Positivo.
- Figueiredo, C. de. (1913). *Novo diccionario da língua portuguesa*. Livraria Clássica.
- Figueiredo, C. de. (1949). *Dicionário da língua portuguesa*. 10 ed. H-Z. Livraria Bertrand.
- Freire, L. (1939). *Grande e novíssimo da lingua portuguesa*. A Noite Editôra.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Pontes.
- Michaelis. (1998). *Moderno dicionário de língua portuguesa*. Companhia Melhoramentos.
- Nascentes, A. (1967). *Dicionário da língua portuguesa: elaborado por Antenor Nascentes* (J – P). Academia Brasileira de Letras.
- Nunes, J. H. (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história*. Fapesp.
- Orlandi, E. P. (2005). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Pontes.
- Pêcheux, M. (2015). Papel da memória. In P. Achard, J. Davallon, J-L Durand, M. Pêcheux, & E. P. Orlandi (Eds.), *Papel da memória*. 4 ed. (pp. 49-57). Pontes.
- Silva, A. de M. (1789). *Diccionario da lingua portuguesa: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antônio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Silva, A. de M. (1813). *Diccionario da lingua portuguesa: recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente*

*emendado, e muito accrescentado, por Antônio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro.* Typographia Lacerdina.

Silva, A. de M. (1922). *Diccionario da lingua portuguesa*. Ed. comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Fac-símile da 2. ed. (1813). Lithographia Typographia Fluminense.

Silva, A. de M. (1954a). *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. vol. VII. Confluência.

Silva, A. de M. (1954b). *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. vol. VIII. Confluência.

Recebido em: 07.05.2024

Aprovado em: 27.09.2024